



Aspectos teórico-metodológicos e éticos na pesquisa qualitativa em psicologia social de base construcionista

Theoretical-methodological and ethical aspects in qualitative research in social psychology with a constructionist basis

Emilly Sales Sala Gomes
Mônica Lima de Jesus
Universidade Federal da Bahia

Resumo

Partimos do pressuposto que o rigor científico da pesquisa qualitativa é dar visibilidade às decisões teórico-metodológicas e considerar as implicações éticas decorrentes. Nesta direção, adotamos a perspectiva das práticas discursivas e produção de sentidos, uma das vertentes da psicologia social de base construcionista. Para tanto, expomos detalhadamente os procedimentos de produção e análise realizados em uma dissertação sobre atuação de psicólogas no campo do HIV/aids. Defendemos a explicitação de todos os passos, ajustes, refinamentos, incorporações e procedimentos adotados. O rigor da produção de conhecimento que defendemos está baseado não na busca de rigidez, mas nos alcances da maleabilidade, que à primeira vista é contraditório, mas ao juntar-se à visibilidade, assenta na boa qualidade da pesquisa. Além disso, ressaltamos que uma postura ética não se limita ao cumprimento de Resoluções de Ética.

Palavras-chave: **Pesquisa qualitativa; Ética; Psicologia social; Construcionismo**

Abstract

We infer that scientific rigor of qualitative research is to give visibility to theoretical and methodological decisions and to consider ethical implications arising from the knowledge production process. We adopt the perspective of discursive practices and production of meanings, one of the aspects of social psychology with constructionist basis. For this purpose, we set out in detail the production and analysis procedures carried out in a dissertation on the role of psychologists in the field of HIV/AIDS. We defend the explanation of all steps, adjustments, refinements, incorporations and procedures adopted. The rigor of the knowledge production we defend is based not on the search for rigidity, but on the reach of malleability, which at first sight is contradictory, but when added to the visibility, it is based on the good quality of the research. In addition, we emphasize that an ethical posture is not limited to compliance with Ethical Resolutions.

Keywords: **Qualitative research; Ethic; Social psychology; Constructionism**

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto da dissertação intitulada *Práticas discursivas sobre atuação psicológica em HIV-aids: sentidos produzidos no cotidiano dos serviços de saúde em uma cidade da Bahia* (Sala, 2018). Partimos do pressuposto de que o rigor da pesquisa qualitativa consiste na explicitação e visibilidade das decisões teórico-metodológicas e éticas decorrentes do processo de produção de conhecimento, como propõem Mary Spink e Helena Lima (2013). As reflexões aqui apresentadas foram inspiradas no movimento construcionista das ciências humanas e sociais, como definem Tomás Ibáñez (2004) e Kenneth Gergen (1985/2009), particularmente nos pressupostos e orientações de uma das perspectivas da psicologia social, como tem sido desenvolvida por Mary Jane Spink e colaboradores/as. Trata-se das práticas discursivas e produção de sentido e suas contribuições para a articulação do campo da saúde com a psicologia social.

O movimento construcionista da Psicologia Social se ocupa em investigar as formas de linguagem que permeiam a sociedade, os modos pelos quais elas são negociadas e suas implicações para o contexto social mais amplo. A sua principal característica é o entendimento do conhecimento como uma construção social, como um produto das nossas relações comunitárias. Assim, todos os conhecimentos produzidos são frutos de acordos socialmente compartilhados em relações sociais concretas, o que implica reconhecer que as palavras não captam a realidade tal como ela é, nem que existe uma correspondência entre palavra e objeto, mas que o grau de adequação de uma palavra para retratar determinado objeto ou determinada “realidade” é uma questão de convenção social (Gergen, 1996).

Dessa maneira, o/a pesquisador/a construcionista não defende uma postura de neutralidade em ciência. Admitindo que a linguagem não descreve o mundo, mas o constrói continuamente, compreende-a como uma forma de intervenção ativa no mundo, como sintetizam Emerson Raseria e Marisa Japur (2005). Portanto, defender uma neutralidade com relação a seus valores seria ignorar os impactos do seu trabalho sobre os modos de vida cultural que ele/a apoia ou rechaça. Ao invés disso, o construcionismo convida “a uma vida profissional plenamente expressiva, em relação às teorias, aos métodos e às práticas que podem indicar a visão que se tem de uma sociedade melhor” (Gergen, 1996, p. 82, tradução nossa). Segundo Spink e Lima (2013), esta seria a maneira de garantir o rigor metodológico em uma pesquisa qualitativa: descrevendo as etapas de análise e interpretação de forma a oportunizar o diálogo, dentro e fora da comunidade científica.

Nessa mesma direção, a noção de práticas discursivas tem focado a construção do conhecimento como “uma prática social, dialógica, que implica na linguagem em uso”, citando diretamente Mary J. P. Spink e Benedito Medrado (2013, p. 23). Ou seja, as práticas discursivas, como linguagem em ação, referem-se às formas pelas quais as pessoas constroem sentidos e se posicionam nas interações sociais cotidianas.

Alicerçada no movimento construcionista, a abordagem das práticas discursivas é definida por meio de três dimensões básicas: linguagem, história e pessoa. A primeira delas, compreendida como prática social, também denominada como *linguagem em uso*, trabalha com os aspectos performáticos da linguagem e as condições de sua produção, abarcando tanto o contexto social e interacional, quanto o sentido foucaultiano de construções históricas (Spink e Medrado, 2013).

Os elementos que constituem as práticas discursivas são, portanto, a dinâmica, ou os enunciados orientados por *voces* de interlocutores presentes ou presentificados no momento da interação; os *gêneros de fala*, formas mais ou menos estáveis dos enunciados orientados pelo contexto, pelo tempo e pelas características dos/as interlocutores/as; e os conteúdos, ou *repertórios linguísticos (RL)*, como destacam Sérgio Aragaki, Pedro Piani et al. (2014). Os RL são as unidades de construção das práticas discursivas – termos, descrições, figuras de linguagem e lugares comuns – que circunscrevem o rol de possibilidades de construções discursivas (Spink e Medrado, 2013).

Por sua vez, a dimensão *histórica* demarca a inscrição temporal das práticas discursivas. O interesse na temporalidade dos repertórios linguísticos deriva da noção de *contextos de sentido*. Admitir a contextualização dos sentidos tem como consequência reconhecer a dialogicidade permanente entre sentidos novos e antigos. Com base nessa noção, Spink e Medrado (2013) propõem a análise dos contextos discursivos a partir de três tempos históricos: o *tempo longo*, que faz referência aos conteúdos culturais construídos ao longo da história da civilização; o *tempo vivido*, que demarca o tempo de inserção na linguagem por meio dos processos de socialização; e o *tempo curto*, ou o tempo das interações e da produção dos processos dialógicos. Dessa maneira, a compreensão das dinâmicas de produção de sentido ocorre pelo esforço de entendimento das interações entre os diferentes tempos – longo, vivido e curto –, que conformam o cenário onde a produção de sentido acontece.

Por fim, a terceira dimensão que se coloca para a compreensão das práticas discursivas é a noção de *pessoa*. A adoção desse vocábulo demarca um posicionamento contrário à utilização de terminologias historicamente marcadas por

dicotomias (sujeito-objeto, indivíduo-sociedade). Com isso, a ênfase recai sobre a dialogia, em lugar de ressaltar a individualidade ou a condição do sujeito.

A pesquisa em uma perspectiva discursiva, então, permite a criação, a invenção e o espaço para o novo, quando o próprio ato de fazer pesquisa é entendido como uma prática discursiva de produção de sentidos, na interação social, na qual pesquisador/a e pesquisado/a posicionam-se e utilizam-se da linguagem para produzir sentido, situados histórica e culturalmente. O/A pesquisador/a compreende que não irá realizar tentativas sucessivas de captar a verdade, mas realizará um esforço de descobrir as maneiras pelas quais “as pessoas descrevem, explicam, ou, de alguma forma, dão conta do mundo em que vivem (incluindo-se a si mesmas)” (Gergen, 1985/2009, p. 301).

MÉTODOS

A investigação científica é aqui entendida como uma prática reflexiva e crítica, conforme defendem Mary J. P. Spink e Vera Menegon (2013). Dessa maneira, por meio dela buscamos explicitar os processos pelos quais as pessoas constroem sentidos e versões da realidade. Entendida como uma prática social, reconhecemos estar inseridas no mesmo tempo histórico e contexto social das/os participantes desta pesquisa, compartilhando com elas/es as possibilidades de dar sentido ao mundo, assim como as convenções forjadas no nosso cenário de inserção. A pesquisa construcionista, portanto, é “um convite a examinar essas convenções e entendê-las como regras socialmente situadas” (Spink e Menegon, 2013, p. 56).

Nessa perspectiva, algumas noções orientam a ética e a postura assumidas durante a realização da pesquisa. Em primeiro lugar, reconhecendo a pesquisa como prática social, adotamos uma postura reflexiva diante do significado de produção do conhecimento, admitindo os efeitos da nossa presença, como pesquisadoras/psicólogas, na estruturação e nos resultados do estudo. Essa postura remete-nos à noção de reflexividade, destacada por Spink e Menegon (2013), referindo-se “à espiral de interpretação e aos efeitos da presença do pesquisador nos resultados da pesquisa” (p. 45). Em pesquisas qualitativas orientadas por epistemologias construcionistas, a subjetividade do/a pesquisador/a é um recurso a mais que deve ser explorado na construção do estudo.

Em segundo lugar, prezamos pela visibilidade dos procedimentos de produção e análise das informações, considerando a noção de indexicalidade que vincula os sentidos produzidos aos seus contextos de produção. Em terceiro lugar, reconhecemos a “complexidade dos fenômenos sociais e a impossibilidade de controlar todas as variáveis intervenientes” (Spink e Menegon, 2013, p. 44). Dito

de outra maneira, admitimos a noção de inconclusividade por reconhecer a processualidade dos contextos estudados. Dessa maneira, admitimos as três formas de superação dos “horrores metodológicos”: indexicalidade, inconclusividade e reflexividade, propostas por Steve Woolgar (1988, citado em Spink e Menegon, 2013) e adotadas por Spink e Menegon (2013), para o desenvolvimento de uma postura construcionista de produzir conhecimento. Por último, aceitamos que a dialogia é inerente à relação estabelecida entre pesquisadores/as e participantes, permitindo a construção de práticas discursivas polissêmicas e, por vezes, contraditórias (Spink e Medrado, 2013; Spink e Menegon, 2013).

Dessa forma, buscamos apresentar os procedimentos teórico-metodológicos e éticos de uma dissertação que teve como objetivo geral analisar criticamente discursos e práticas discursivas sobre atuação psicológica em torno das infecções sexualmente transmissíveis, particularmente, as decorrentes do vírus da imunodeficiência adquire e sua síndrome (IST/HIV-aids). Examinamos em profundidade os repertórios linguísticos (Aragaki, Piani et al. 2014) de construção de sentido utilizados pelas/os pessoas participantes da pesquisa. Neste artigo, buscaremos explicitar os passos da análise e da interpretação a que chegamos, exemplificando a construção de uma pesquisa científica construcionista e prezando pela garantia da comunicação em ciência (Spink e Lima, 2013).

Realizamos nove entrevistas semiestruturadas com psicólogas/os, sete do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idades entre 29 e 58 anos e tempos de formação e de atuação diferenciados, vinculadas/os às Secretarias Estadual e Municipal de Saúde, atuantes em quatro Serviços de Referência em IST/HIV-aids do Sistema Único de Saúde (SUS) em uma cidade da Bahia/Brasil. Todas/os as/os interlocutoras/es atuavam em serviços especializados há pelo menos seis meses e aceitaram espontaneamente o convite de participação nesta pesquisa, tendo assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Na seção seguinte, explicitaremos os resultados e a discussão em três tópicos complementares: a produção e a análise das informações e a ética na pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Produção de informações

A produção de informações ocorreu por meio de entrevistas individuais semiestruturadas. A escolha desse enquadre permitiu que um roteiro norteador construído previamente conduzisse as interações discursivas, propiciando, porém, liberdade para acrescentar ou aprofundar indagações que ensejassem momentos de negociação, de construção e de transformação de sentidos, contribuindo para a interanimação dialógica, sem perder o foco do estudo. Dessa maneira,

em uma perspectiva construcionista, as informações não estão prontas para serem “colhidas”, como se existissem independentemente do/a entrevistador/a e do ato dialógico (Aragaki, Lima et al., 2014), sendo coproduzidas e negociadas, em interações contextualizadas e situadas através das quais se produz sentido e versões da realidade, como destaca Odette Pinheiro (2013). Assim, tanto o/a pesquisador/a quanto as pessoas entrevistadas são ativas no processo de produção de sentidos, fruto da situação relacional estabelecida (Spink e Menegon, 2013).

O contato para agendamento das entrevistas ocorreu diretamente com as/os psicólogas/os, após a autorização das Secretarias de Saúde e contato efetuado com o serviço em que estavam lotadas/os. A maioria das entrevistas foi realizada no próprio ambiente de trabalho, sendo apenas duas delas ocorridas em outros locais, pela disponibilidade e preferência das/os profissionais. Para Sérgio Aragaki, Maria Lima et al. (2014), os objetos existentes, presentificados ou ausentes na narrativa do/a entrevistado/a compõem também a produção discursiva, favorecendo-a ou dificultando-a. Essas materialidades performam um espaço físico, relacional e social, influenciando a produção de afetos, de sentimentos, de pensamentos.

Foram realizadas nove entrevistas com duração total de nove horas, vinte e seis minutos e quatorze segundos (9 h, 26 min, 14 s), entre o final de 2017 e o início de 2018. A menor entrevista realizada teve duração de quarenta minutos e vinte e oito segundos (40 min, 28 s), enquanto a entrevista com maior tempo de duração ocorreu em uma hora, quarenta minutos e dezenove segundos (1 h, 40 min, 19 s). Além disso, apontamos que a realização das entrevistas no ambiente de trabalho, em que existiam demandas esperando pela/o profissional, impactaram na produção discursiva tornando-as, de maneira geral, mais curtas do que aquelas realizadas em ambientes livres dessa influência. Nesta direção, destacamos a importância de explicitarmos a/ao leitor/a tais informações para dar a noção do tempo e da complexidade que envolve a produção de conhecimento na pesquisa qualitativa, que muitas vezes são omitidas nos relatos em tais desenho de pesquisa. Em geral, dizemos apenas que as entrevistas semiestruturadas foram audiogravadas, transcritas e preparadas para análise. Defendemos que precisamos dizer que foram transcritas na íntegra ou parcialmente, acrescentar a soma total de páginas de transcrição (no nosso caso, 191 páginas) para dar a noção da complexa e trabalhosa tarefa que envolve a pesquisa qualitativa.

O roteiro de entrevista comportou três amplas temáticas, associadas aos objetivos específicos formulados, direcionadas para as/os profissionais que atuam nos serviços especializados. Na primeira, buscamos incentivar que as/os entre-

vistadas/os narrassem a rotina de trabalho, caracterizando a sua atuação no campo das políticas de IST/HIV-aids em termos dos processos de trabalho, das demandas identificadas, das propostas de intervenções e das pessoas atendidas. Além disso, incentivamos que elas/es discorressem sobre estratégias de apoio para enfrentamento da infecção não restritas aos conhecimentos da psicologia, rotuladas por nós de estratégias de “ordem não psicológica”, indicadas por elas/es ou espontaneamente trazidas pelos/as usuários/as atendidos/as. Na segunda, tratamos das dificuldades e dos desafios da atuação profissional, bem como das estratégias forjadas na práxis para dar conta deles, incentivando a descrição de casos concretos. A abordagem dos referenciais teóricos e metodológicos que embasam as práticas profissionais caracteriza a terceira e última temática abordada, descrevendo aspectos da formação, das abordagens teórico-metodológicas, das concepções de clínica e de políticas públicas.

Ressaltamos que essa última temática foi timidamente explorada pelas/os profissionais. É possível que isso tenha ocorrido por ter sido o último tema abordado nas entrevistas, após quase uma hora de conversação e o fator cansaço pode ter atrapalhado a produção das falas sobre esse aspecto. Porém, acreditamos também que a forma como as perguntas foram formuladas pode não ter contribuído para incentivar a abordagem de elementos mais ricos da formação profissional das/os entrevistadas/os. Uma terceira hipótese diz respeito ao fato de ser muito complexo construir diálogos razoáveis sobre fundamentos teórico-metodológicos que orientam as práticas psicológicas, sem uma reflexão epistemológica e conceitual de cada uma das abordagens passíveis de surgirem quando perguntamos para as/os profissionais seus referenciais.

A análise das informações

Fundamentadas na perspectiva construcionista e na noção de práticas discursivas, passaremos a explicitar as estratégias e os passos por nós utilizados para realização da análise e da interpretação das informações, de forma a prezar pela garantia do rigor e da comunicação em ciência (Spink e Lima, 2013). Nessa perspectiva, compreendendo a construção do conhecimento como uma prática discursiva, situada no tempo e no espaço, buscamos escolher um método de análise de informações em que o contexto de produção e de emergência do texto ganhasse destaque durante todo o processo analítico. Para nós, isso significa que não podemos nos limitar à referência dos/das autores/as utilizadas e sim descrever como fizemos em cada uma das etapas.

Dessa maneira, a análise categorial temática orientou a sistematização e compreensão de informações da nossa pesquisa, sendo entendida como uma técnica de investigação para organização dos dados e formulação de inferências que

alcancem os seus significados. Em uma perspectiva qualitativa, o contexto ocupa uma centralidade na operacionalização desse método, porque somente por meio dele é viável a realização da interpretação. Assim, ganham destaque o contexto material do texto objeto de análise, mas também o contexto social que possibilita a sua emergência. Sobre este último, referimo-nos às “condições que tornam possível que esse texto se produza e como se produz (quem é o enunciador/a, a quem se dirige, em quais circunstâncias espaciais e temporais se produz, quais acontecimentos o tornam possível etc.)”, como propõe Félix Vázquez-Sixto (1996, p. 46, tradução nossa).

Portanto, partindo dos dados textuais das entrevistas, a operacionalização da análise envolveu a decomposição do texto em unidades, para posterior agrupamento em categorias, segundo o critério da analogia. Nessa direção, as semelhanças existentes entre as unidades foram consideradas, a partir de critérios estabelecidos previamente, conforme os objetivos da investigação e/ou análise. Este processo envolveu três etapas: 1. Pré-análise; 2. Codificação; e 3. Categorização (Vázquez-Sixto, 1996).

A etapa de pré-análise se caracteriza pelo processo de organização do material para análise. Nesta etapa, realizamos leituras sucessivas dos textos das entrevistas, destacando com a ferramenta de *realce do texto* presente no editor de texto Microsoft Word os aspectos que mais nos chamavam a atenção, por estarem mais diretamente ligados aos objetivos da pesquisa. Estabelecemos, também, os objetivos da análise que, em alguma medida, eram coincidentes com os objetivos do estudo (ver Tabela 1), estipulando o material completo das entrevistas realizadas como o *corpus* documental da análise, entendido como “o conjunto de documentos (sejam eles a totalidade do material ou uma amostra deles) que constituem os ‘dados’ de onde se parte para a realização da análise” (Vázquez-Sixto, 1996, p. 51, tradução nossa).

Dessa forma, clarificamos os conceitos que seriam trabalhados na análise para que pudéssemos dar continuidade à sua sequência. Em síntese, estamos sugerindo que um modo de dar visibilidade ao processo é explicitar a relação entre objetivos traçados e aqueles conseguidos na análise, como exemplificamos com o tema da dissertação em voga (ver Tabela 1).

A etapa de codificação, segunda etapa do processo de análise, caracteriza-se pela *fragmentação do texto e catalogação dos seus elementos*. Portanto, as leituras sucessivas nos permitiram estabelecer uma aproximação suficiente com o material de análise, preparando-nos para o procedimento de fragmentação do texto em unidades de registro e unidades de contexto (Vázquez-Sixto, 1996).

Objetivos específicos da pesquisa	Objetivos da análise
Identificar demandas de atuação psicológica direcionadas às/aos profissionais de psicologia	Elencar as demandas percebidas pelas/os psicólogas/os na sua prática com IST-HIV-aids. Identificar o relato de demandas não circunscritas à relação profissional-usuário.
Descrever rotinas, fazeres e práticas realizados pelas/os psicólogas/os atuando em programas de IST/HIV-aids	Identificar as atividades e ações realizadas, caracterizando-as. Identificar os objetivos que norteiam as práticas psicológicas nesses espaços.
Descrever casos concretos de intervenções realizadas no âmbito da assistência psicológica do ponto de vista das/os psicólogas/os	Destacar elementos que se referiam às diferentes dimensões do cuidado à pessoa com IST/HIV-aids – subjetiva, biológica e social. Perceber elementos novos, rupturas, reinvenções, contradições.
Identificar dificuldades encontradas na atuação profissional, descrevendo as estratégias utilizadas para solucioná-las	Analisar as dificuldades e as possibilidades de atuação encontradas na prática psicológica nesses espaços, problematizando-as de acordo com a literatura e identificando elementos novos, rupturas, reinvenções, contradições.
Identificar fundamentos/referências das/os profissionais para atuação em programas de IST/HIV-aids	Destacar e analisar fundamentos/referências da atuação profissional em IST/HIV-aids.

Tabela 1. Descrição da etapa de pré-análise do estudo

As unidades de registro, também denominadas unidades de significado, podem ser definidas como os fragmentos do texto que contém significado e que serão submetidos à categorização. Podem ser palavras, frases, temas etc., são os repertórios linguísticos, descritos na seção anterior. Ainda que existam outros, o critério comumente adotado para diferenciá-las é o aspecto semântico. Já as unidades de contexto são os fragmentos do texto em que estão contidas as unidades de registro e que permitem a sua compreensão. As unidades de contexto fornecem os elementos necessários para contextualizar as palavras, as frases ou as temáticas que caracterizam as unidades de registro e que, isoladamente, poderiam dar margem a múltiplas interpretações (Vázquez-Sixto, 1996).

Dessa maneira, escolhemos por manter as unidades de registro inseridas nas suas unidades de contexto, possibilitando ao/à leitor/a visualizar a sua contextualização. Porém, em alguns trechos, com o intuito de destacar as unidades de registro, utilizamos a ferramenta de edição de texto *negrito* do Microsoft Word para realçá-las.

Após a fragmentação das unidades, passamos à etapa de catalogação, utilizando alguns critérios sugeridos por Vázquez-Sixto (1996), de modo a dar início à interpretação de seus sentidos. Dessa maneira, atentas aos objetivos da pesquisa, analisamos: presença e ausência de unidades relacionadas a determinados temas ou finalidades da investigação; frequência de aparição, pois mesmo não realizando a análise em uma perspectiva quantitativa, organizamos os dados destacando a sua força de aparição, em um primeiro momento, para visualizar e tentar compreender se o que se repetia merecia mais a nossa atenção pela sua importância ou pela sua estereotipia; direção valorativa ou conteúdos que expressassem juízo de valor; disposição das unidades de registro, percebendo se a ordem de aparição das unidades no texto interferia na interpretação de seu significado; por fim, a contingência ou a presença de mais de uma unidade de registro em uma mesma unidade de contexto (Vázquez-Sixto, 1996). A etapa de codificação, portanto, ocorreu pela análise do *corpus* selecionado na etapa anterior. Esse processo consistiu na transformação dos dados originais (“dados brutos”) em “dados úteis”, que representam o resultado da análise de acordo com os objetivos estabelecidos (Vázquez-Sixto, 1996).

Finalmente, a etapa de categorização objetivou organizar e, porventura, classificar as unidades conseguidas com base em critérios de diferenciação, para assim visualizar os dados de forma condensada. Apesar da possibilidade de utilização de diferentes critérios para realização da categorização, o mais comum nas análises temáticas é a análise semântica, ou seja, as unidades são agrupadas pela semelhança dos seus significados (Vázquez-Sixto, 1996).

Sendo assim, construímos uma tabela no programa de edição de texto Microsoft Word e utilizando a ferramenta *copiar e colar*, passamos a transferir os trechos das unidades de registro e de contexto de cada uma das entrevistas para suas colunas, agrupando-as pela similaridade de seus significados. Cabe ressaltar que poderíamos ter usado um *software* para organização de informações discursivas, mas não tínhamos licença válida no momento do estudo. Além disso, cabe explicar que, a depender do volume do material a ser analisado, recorrer a um *software* pode ser a maneira de viabilizar a análise, porém, o uso de *software* não garante por si só uma análise consistente e profícua. Inicialmente, duas grandes temáticas foram construídas, cada uma com quatro categorias temáticas. Foram elas: “sentidos da atuação psicológica” e “dificuldades e potencialidades da atuação profissional”. A primeira temática referia-se aos sentidos construídos sobre a atuação profissional no contexto das IST/HIV-aids e subdividia-se em quatro categorias: atuação (ATUA), demandas (DEMD), atividades desenvolvidas (ATIV) e objetivos das intervenções (OBJE). A segunda temática dizia respeito à caracterização das dificuldades e das estratégias de so-

lução vivenciadas no campo de atuação e abarcava outras quatro categorias: potencialidades da atuação da psicologia (POTN), dificuldades da atuação (DIFC), desafios do campo (DESF) e estratégias de atuação diante das dificuldades (ESTR).

As categorias aqui são entendidas como “práticas discursivas situadas, sujeitas à indexicalidade e à retórica” (Spink e Menegon, p. 58). Dessa maneira, em uma perspectiva discursiva, elas não expressam um valor ou sentido intrínseco, mas são compreendidas a partir dos seus usos e do contexto de sua construção. À medida que descrever categorias envolve decisões e reorganização retórica, elas expressam a possibilidade de expor posicionamentos de quem fala e dar visibilidade às repercussões que ocorrem na interação. Assim, são também estratégias linguísticas utilizadas para interagir, organizar e dar conta do mundo, e suas especificidades não estão desvinculadas dos contextos que possibilitaram a sua emergência (Spink e Menegon, 2013).

Dessa forma, sem a pretensão de traduzir fenômenos, a categorização aqui é compreendida pela sua função no plano das práticas sociais, não podendo ser entendida apartada do seu uso e da história de sua construção. Por esse motivo, o nosso esforço se configurou na explicitação de cada uma de nossas escolhas que permitiram a emergência de cada uma delas.

Após a criação das categorias citadas, com suas respectivas unidades de registro e de contexto, foram realizadas novas leituras das unidades selecionadas e construídas sínteses textuais dos conteúdos de cada uma das categorias, como forma de explicitar os sentidos que emergiram, para facilitar a posterior discussão das informações. Ao realizar esse processo, no entanto, identificamos que nossas análises estavam nos conduzindo à noção de *Clínica Ampliada em saúde* (Campos, 1996/1997), sinalizando rupturas e ressignificações dos discursos construídos sobre atuação psicológica no contexto da saúde pública. Dessa forma, debruçando-nos na literatura sobre o tema, decidimos por reformular as categorias criadas, tomando como foco de análise as definições trazidas por Gastão Campos e Márcia Amaral (2007) sobre os elementos que caracterizam a noção de clínica ampliada no contexto da saúde coletiva, analisando-os no contexto de atuação da psicologia.

Destarte, buscando coerência com a perspectiva aqui adotada, em que as categorias não são vistas como fixas e finais, prezando pela característica de recursividade que envolve a análise temática categorial, sinalizada por Vázquez-Sixto (1996), a todo momento elas foram redefinidas, apuradas e refinadas. Seguindo uma outra advertência de Spink e Lima (2013, p. 83, itálico do original): “a análise inicia-se com uma imersão no conjunto de informações coletadas,

procurando deixar aflorar os sentidos, sem encapsular os dados em categorias, classificações e tematizações definidas *a priori*”.

Sob essa orientação, as informações foram construídas e organizadas em duas novas temáticas: “Atuação psicológica em IST/HIV-aids: desafios da prática profissional em saúde pública” e “Sentidos da clínica psicológica nos serviços públicos de IST/HIV-aids”. Assim, a primeira temática diz respeito aos desafios vivenciados na prática profissional, assim como às estratégias de enfrentamento forjadas na práxis, e subdivide-se em duas categorias: desafios da prática profissional (DESF) e estratégias de enfrentamento (ESTR). A segunda temática refere-se à caracterização da clínica psicológica ofertada nos serviços de IST/HIV-aids e abarca três categorias: objeto da clínica (OBJT), objetivo da clínica (OBTI) e meios de intervenção (INTR) (ver Tabela 2). Dentro de cada temática, as categorias relacionam-se entre si, mas as destacamos individualmente com suas respectivas descrições para apresentar ao/à leitor/a os passos da análise temática categorial realizada (Vázquez-Sixto, 1996).

Temática: Atuação psicológica em IST/HIV-aids: desafios da prática profissional em saúde pública

Descrição: Caracterização dos desafios vivenciados na prática profissional e das estratégias de enfrentamento forjadas na práxis

Categoria	Descrição	Código
Desafios da prática profissional	Sentidos sobre as dificuldades e os desafios para atuação nos serviços de atenção às IST/HIV-aids.	DESF
Estratégias de enfrentamento	Descrição das estratégias utilizadas para solucionar as dificuldades e contornar os desafios encontrados no cotidiano dos programas.	ESTR

Temática: Sentidos da clínica psicológica nos serviços públicos de IST/HIV-aids

Descrição: Caracterização da clínica psicológica ofertada nos serviços especializados

Categoria	Descrição	Código
Objeto da clínica	Caracterização do objeto sobre o qual se debruça a clínica psicológica, englobando o contexto, as pessoas e suas demandas.	OBJT
Objetivos da clínica	Descrição das finalidades que orientam as práticas psicológicas no contexto pesquisado.	OBTI
Meios de intervenção	Caracterização dos recursos e das estratégias de intervenção utilizados pelas/os psicólogas/os para acessar o objeto e alcançar os objetivos dessa clínica.	INTR

Tabela 2. Análise Categorial Temática sobre Sentidos da Atuação Psicológica

Fonte: Entrevistas realizadas pela autora (2017-2018)

Ética em pesquisa social construcionista

A postura construcionista acarreta algumas implicações para a reflexão em torno da ética em pesquisa científica. Uma primeira consequência de assumir uma postura construcionista é compreender a importância de respeitar normas e procedimentos prescritos por legislações e comitês de ética, entendendo-os não como valores naturais ou incondicionais, mas como acordos construídos, reconhecidos e compartilhados socialmente por uma comunidade científica, necessários para o funcionamento desta comunidade, porém localizados no tempo e no espaço.

A concepção relativista que fundamenta a ética construcionista acarreta em uma perspectiva ética dialógica. Assim, a ética não é compreendida meramente como uma prescrição, mas como “algo que é coconstruído, negociado, (re)significado por diferentes vozes”, como destacam Mariana Cordeiro et al. (2014, p. 43). Dessa maneira, pesquisador/a e participante da pesquisa constroem conjuntamente um acordo de ética, sendo o próprio momento de assinatura do TCLE, um espaço de construção de parceria e discussão em torno dos objetivos, dos procedimentos e dos pressupostos que orientam as pesquisas (Cordeiro et al., 2014).

Desse modo, em nossa pesquisa respeitamos às Resoluções nº 466/2012 (Conselho Nacional de Saúde, 2012), que regulamenta a realização de pesquisas envolvendo seres humanos, e nº 510/2016 (Conselho Nacional de Saúde, 2016), que estabelece diretrizes para realização de pesquisas no campo das Ciências Humanas e Sociais, submetendo o nosso projeto ao comitê de ética e pesquisa do Instituto de Psicologia da UFBA, e recebendo aprovação com número de CA-AE 74489317.9.0000.5686. No que se refere às/aos participantes da pesquisa, todas/os tiveram acesso ao TCLE, além de um termo específico de permissão de gravação de voz, bem como a todas as informações adicionais que desejaram para esclarecimento dos procedimentos de realização da pesquisa. Destacamos, ainda, que todas/os tiveram seu anonimato preservado, com a utilização de nomes fictícios, assim como ocultamento de algumas informações de suas trajetórias profissionais, de modo a preservar ao máximo o sigilo das/os participantes.

Por sua vez, além dos procedimentos exigidos pelas Portarias citadas, a postura construcionista também implica o reconhecimento da não neutralidade dos conhecimentos produzidos e a reflexão dos efeitos que eles produzem. Nesse cenário, a subjetividade do/a pesquisador/a é compreendida como um recurso a mais no processo de fazer pesquisa. Nesse sentido, admitimos uma objetividade possível, compreendida como uma construção intersubjetiva e ressignificada como a possibilidade de tornar visível o acervo de informações e os passos de

análise e interpretação de modo a propiciar o diálogo dentro e fora da comunidade científica. Este é o rigor metodológico defendido pela pesquisa construcionista (Cordeiro et al., 2014; Spink e Lima, 2013).

Dessa forma, assumir uma postura ética também nos leva a refletir sobre o nosso posicionamento, como psicólogas, entrevistando psicólogas/os sobre uma atuação que fez e faz parte das nossas trajetórias de formação e de prática profissionais. O maior desafio, nesse processo, foi estabelecer relações de escuta que tivessem espaço para interrogar o *óbvio*, questionar *verdades* que também compunham os nossos repertórios linguísticos, permitir que novos conhecimentos fossem produzidos, mas que velhos saberes e práticas, por nós questionados e problematizados, também pudessem ter lugar de expressão nas linhas deste estudo.

Em muitos momentos, realizando o exercício de interrogar o sentido de expressões naturalizadas do repertório linguístico de psicólogas/os e profissionais da saúde (como clínica, subjetividade, demanda etc.), em um esforço de desfamiliarização, percebemos o estranhamento de algumas profissionais por não compreenderem por qual motivo estávamos questionando algo tido como *óbvio* para a nossa categoria profissional, já que a pesquisadora se apresentou como psicóloga. A desfamiliarização é definida como “um processo de reflexão acerca de posições e ideias imutáveis, que venham a impedir construções e elaborações de outras possibilidades de compreensão” (Spink e Frezza, 2013, p. 10) e adotamos essa perspectiva sobre o discurso da nossa categoria profissional. Dessa forma, as expressões de estranhamento sinalizaram que estávamos conseguindo realizar aquilo a que nos propúnhamos, comprometidas com a noção de produção situada de sentidos e práticas. Embora, justamente por adotar a desfamiliarização, não partilhemos da noção de que os discursos são desconstruídos, eles não desaparecem, eles são ressignificados, na articulação entre os tempos longo, vivido e curto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na abordagem das práticas discursivas e produção de sentidos o rigor científico da pesquisa qualitativa se sustenta na visibilidade das decisões teórico-metodológicas e suas consequências éticas. No entanto, podemos considerar que uma das críticas à pesquisa qualitativa advém justamente do fato de não explicitarmos suficientemente os passos da produção e da análise das informações, dando a impressão de falta de rigor científico.

Este artigo busca contribuir para a superação desta crítica, ao destacar que a produção de conhecimento na pesquisa qualitativa tem fundamentos teóricos

que orientam o método, premissa já encontrada nas ciências humanas e sociais e, particularmente, aqui destacada na perspectiva da psicologia social de orientação construcionista. Dessa forma, advertimos que não é suficiente nomear o método, mas também descrevê-lo detalhadamente. Cabe-nos, ainda, salientar o aporte mais singular do presente artigo, que é a defesa da sinalização das modificações, dos ajustes e das superações realizadas ao longo de um estudo, não como representativos de um deslize ou de uma fragilidade, mas como um potencial argumentativo singular do rigor da produção de conhecimento.

O rigor da produção de conhecimento que defendemos não está baseado na busca de rigidez, mas nos alcances da maleabilidade. Com isso, estamos postulando que a boa qualidade da pesquisa qualitativa, em uma das acepções de rigor científico, desafia a opinião consabida de ausência de maleabilidade e de presença de rigidez e dureza. Este aparente paradoxo só faz sentido quando nos demoramos no exercício de dar visibilidade, explicitar os caminhos e as decisões tomadas, quando lhe atribuímos um caráter constitutivo. Nesta direção, estamos apostando que ao explicitar os ajustes dos objetivos (da pesquisa e de análise) durante o processo de produção da informação e ao incluir conceitos novos ou mesmo descobri-los na compreensão do tema do estudo, estamos imprimindo uma marca de maleabilidade no processo de co-construção. De modo operacional, significa aceitar que há igual importância em explicitar informações sobre o tempo e o local das entrevistas, o tipo de transcrição, os caminhos para a criação e a reformulação das categorias, como aspectos não meramente ilustrativos. Assim, admitimos que as reformulações sejam ressaltadas em quadros ou outro procedimento que dê visibilidade às etapas baseadas nas noções teóricas que fundamentam a sua criação e descrição.

Por fim, e não menos significativo, defendemos uma postura ética que não se limita à imprescindível obediência aos trâmites das normas das Resoluções e avaliações pelos Comitês, e sim que aceita a implicação da presença dos/as pesquisadores/as na produção do conhecimento. Assim, exemplificando e discutindo as noções de rigor científico e ética dialógica esperamos acudir e dialogar com outros estudos que busquem compreender as formas de fazer pesquisa qualitativa, comprometida com fundamentos teóricos e metodológicos que as embasa e norteie. E, dessa maneira, ampliar o debate em torno da construção situada de saberes e fazeres científicos, melhor dito, produzindo discursos e práticas discursivas mais engajadas com as necessidades atuais da produção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- Aragaki, Sérgio S.; Lima, Maria L. C.; Pereira, Camila C. Q. & Nascimento, Vanda L. V. (2014). Entrevistas: negociando sentidos e coproduzindo versões de realidade. In.: Mary J. Spink, Jacqueline I. M. Brigagão, Vanda L. V. Nascimento & Mariana P. Cordeiro (Orgs.), *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas* (pp. 57-72). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Aragaki, Sérgio S.; Piani, Pedro P. & Spink, Mary J. (2014). Uso de repertórios linguísticos em pesquisas. In.: Mary J. Spink, Jacqueline I. M. Brigagão, Vanda L. V. Nascimento & Mariana P. Cordeiro (Orgs.), *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas* (pp. 229-246). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Campos, Gastão W. S. (1996/1997). *Uma clínica do sujeito: por uma clínica reformulada e ampliada*. Mimeo.
<http://www.pucsp.br/prosaude/downloads/bibliografia/CLINICAampliada.pdf>
- Campos, Gastão W. S., & Amaral, Márcia A. (2007). A clínica ampliada e compartilhada, a gestão democrática e redes de atenção como referenciais teórico-operacionais para a reforma do hospital. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12(4), 849-859.
<https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000400007>
- Conselho Nacional de Saúde. (2012). *Resolução que orienta a realização de pesquisas com seres humanos. Resolução Nº 466/2012*. CNS.
<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução para pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Resolução 510/2016*. CNS.
<http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Cordeiro, Mariana P.; Freitas, Thiago R.; Conejo, Simone P. & De Luiz, George M. (2014). Como pensamos ética em pesquisa. In.: Mary J. Spink, Jacqueline I. M. Brigagão, Vanda L. V. Nascimento & Mariana P. Cordeiro (Orgs.), *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas* (pp. 31-56). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Gergen, Kenneth J. (1985/2009). O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. *Revista Inter. Interdisc. INTERthesis*, 6(1), 299-325.
<https://doi.org/10.5007/1807-1384.2009v6n1p299>
- Gergen, Kenneth J. (1996). *Realidades Y Relaciones: Aproximacion a la Construccion Social*. Paidós Iberica.
- Ibáñez, Tomás (2004). O “giro linguístico”. In: Lupicínio Iñiguez (Org.), *Manual de análise do discurso em ciências sociais* (pp. 19-49). RJ. Vozes.
- Pinheiro, Odette G. (2013). Entrevista: uma prática discursiva. In: Mary J. Spink (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano* (pp. 156-187). Centro edlstein de pesquisas sociais.
- Rasera, Emerson F. & Japur, Marisa (2005). Os sentidos da construção social: o convite construcionista para a psicologia. *Paidéia*, 15(30), 21-29.
<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2005000100005>
- Sala, Emilly. (2018). *Práticas discursivas sobre atuação psicológica em HIV-aids: sentidos produzidos no cotidiano dos serviços de saúde em uma cidade da Bahia*. Dissertação de mestrado inédita, Instituto de Psicologia. Universidade Federal da Bahia.

- Spink, Mary J. P. & Frezza, Rose M. (2013). Práticas discursivas e produção de sentido: a perspectiva da psicologia social. In: Mary J. Spink (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano* (pp. 1-21). Centro edlstein de pesquisas sociais.
- Spink, Mary J. P. & Lima, Helena (2013). Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos de interpretação. In: Mary J. Spink (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano* (pp. 71-99). Centro edlstein de pesquisas sociais.
- Spink, Mary J. P. & Medrado, Benedito (2013). Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: Mary J. Spink (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano* (pp. 22-41). Centro edlstein de pesquisas sociais.
- Spink, Mary J. P. & Menegon, Vera M. (2013). A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: Mary J. Spink (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano* (pp. 42-70). Centro edlstein de pesquisas sociais.
- Vázquez-Sixto, Félix (1996). *El análisis de contenido temático. Objetivos y medios en la investigación psicosocial*. (Documento de trabajo no publicado). Universitat Autònoma de Barcelona.



EMILLY SALES SALA GOMES

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (2013). Especialista em Saúde da Família pelo Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (2016). Mestre em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da UFBA (2018).

emillysala@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4765-4338>

MÔNICA LIMA DE JESUS

Professora, pesquisadora e extensionista do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (IPS/UFBA). Possui graduação em Psicologia pela UFBA (1997), Mestrado (2000) e Doutorado em Saúde Pública/Coletiva (2005) pelo Instituto de Saúde Coletiva (UFBA), Pós-doutorado em Psicologia Social pela Universidad Autònoma de Barcelona (UAB).

moliye@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6666-8463>

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

AGRADECIMENTOS

Ao Laboratório de Estudos sobre Vínculos e Saúde Mental (LEV) IPS/UFBA, coordenado por Mônica Lima e grupo de pesquisa, pela leitura e críticas para o aprimoramento do texto.

FORMATO DE CITACIÓN

Sala, Emilly & Lima, Mônica (2020). Aspectos teórico-metodológicos e éticos na pesquisa qualitativa em psicologia social de base construcionista. *Quaderns de Psicologia*, 22(3), e1640. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1640>

HISTORIA EDITORIAL

Recibido: 15-05-2020
1ª revisión: 13-08-2020
Aceptado: 13-09-2020
Publicado: 11-12-2020